PROFESSORAS LÉSBICAS E A PRÁTICA DOCENTE: UM GRITO NO SILÊNCIO.

Gabriela Cruz Tavares¹

Robério Augusto Leal Sacramento²

RESUMO

A homossexualidade feminina é fortemente silenciada em todos os espaços, passando por situações inclusive de marginalização dentro do movimento feminista como também no próprio movimento LGBTQIA+, fato que temos tem a ordem da sigla alterada especificamente com o intuito de chamar atenção para a invisibilidade da narrativa e da agenda de lésbicas. Nas escolas o preconceito a diversidade é iminente e atinge todas as orientações e identidades de gênero de maneira muito específica, percorrendo as particularidades únicas de cada grupo que compõe a diversidade LGBTQIA+. Como objetivo central pesquisar sobre o cotidiano de professoras lésbicas em relação a sua prática docente, compreendendo como os espaços escolares e acadêmicos acabam por diversas vezes desvalorizando as mulheres lésbicas enquanto professoras, tanto dentro da educação pública como privada, além de que nossa pesquisa busca ainda identificar quais políticas públicas são voltadas para as mulheres lésbicas e que ajudam no ingresso desse público ao mercado de trabalho. Utilizamos de entrevista realizadas via *google* formulário, como também áudios recebidos via aplicativo *WhatsApp* que foram transcritos pelos autores da pesquisa. Como sujeitos desta pesquisa foram entrevistadas 4 (quatro) professoras lésbicas na faixa etária de 23 a 37 anos que exercem a docência dentro do Maciço de Baturité na rede estadual de educação, onde todas estão inseridas no ensino médio. A partir das análises realizadas tornou-se evidente que as professoras lésbicas pesquisadas ainda possuem receio de assumirem suas orientação dentro do seu espaço de trabalho, demonstrando um processo de silenciamento. Destacamos que essa realidade corresponde com as professoras lésbicas pesquisadas neste artigo, o que pode ser diferentes de outras que não fizeram parte da mesma.

Palavras-chave: Mulheres lésbicas; Docência; Maciço de Baturité; Escola.

ABSTRACT

Female homosexuality is heavily silenced in all spaces, including situations of marginalization within the feminist movement as well as in the LGBTQIA+ movement itself, a fact that we have the order of the acronym changed specifically in order to draw attention to the invisibility of the narrative and of the lesbian agenda. In schools, prejudice against diversity is imminent and affects all orientations and gender identities in a very specific way, covering the unique particularities of each group that makes up the LGBTQIA+ diversity. As a central objective to research on the daily life of lesbian teachers in relation to their teaching practice, understanding how school and academic spaces end up devaluing lesbian women as teachers, both within public and private education, in addition to which our research still seeks to identify which public policies are aimed at lesbian women and which help them to enter the job market. We used interviews carried out via *google* form, as well as audios received via the *WhatsApp* application that were transcribed by the authors of the research. As subjects of this research, 4 (four) lesbian teachers were interviewed, aged between 23 and 37 years old, who teach in the Maciço de Baturité in the state education network, where all of them are part of high school. From the analyzes carried out, it became evident that the lesbian teachers surveyed are still afraid to assume their guidance within their workspace, demonstrating a process of silencing. We emphasize that this reality corresponds to the lesbian teachers surveyed in this article, which may be different from others who were not part of it.

Keywords: Lesbian women; teaching; Baturité Massif; School.

1.INTRODUÇÃO

A escola simbolicamente é vista como território de igualdades, onde todos são vistos como iguais, porém a realidade se distancia desse pensamento. Tomando Louro (1997) compreendemos que a escola enquanto um dos espaços formadores de opiniões e transmissora de conhecimento infelizmente vem contribuindo para a manutenção das relações desiguais entre homens e mulheres, sendo prerrogativa para que a sociedade continue pautada na opressão, tanto de gênero, como de classe e cor. Nessa linha Bento(2011) afirma que é um equívoco falar em “diferença ou diversidade no ambiente escolar” como se houvesse o lado da igualdade, na verdade segundo a autora é o meio onde habitam quem agem naturalmente de acordo com os valores hegemônicos.

Diante disso Louro (2016) explica que a escola acabar por dividindo espaços, delimitando o lugar de meninos e meninas, fazendo assim uma manutenção das desigualdades entre gêneros, como citamos logo a cima o exemplo da separação de meninos e meninas através do esporte. Entendemos que a educação é essencial para o processo de formação humana, assim como inclusão desse indivíduo dentro da sociedade. Não estamos aqui criando culpados para a desigualdade entre homens e mulheres, mas apresentando meios para que se possa existir uma reflexão dos atos vivenciados e construídos dentro da escola, que salientamos que é um direito de todos frequentar esse espaço. Devendo a escola não apenas a alfabetização, e sim caminhar no auxílio do desenvolvimento crítico do ser humano, contribuindo para eliminação de todas as formas de preconceito.

O movimento feminista não deve ser visto na escola como perda de tempo, ou mesmo como baderna. Pois o mesmo possui suas bases ideológicas, assim como suas correntes, na verdade a escola deveria ser a primeira a abraçar o movimento, já que foi nesse espaço que por anos as mulheres não tiveram voz e nem muito menos o direito de frequentar. Este trabalho teve como intuito abordar a escola e o feminismo, assim como gênero de uma maneira mais crítica, a fim trazer a reflexão de que é necessário ter a escola como promotora do respeito às diferenças, para a diminuição de todas as formas de preconceito em seu ambiente, tornando esse espaço realmente acolhedor, sem distinção de raça, sexo, classe e sexualidade. E que ser homem ou mulher nesse espaço não sejam marcados por muros simbólicos ou mesmo físicos.

A partir do explanado parágrafos anteriores, trago como justificativa meu lugar enquanto professora e mulher lésbica no Maciço de Baturité-CE, a qual desde o início da minha profissão infelizmente sinto em diversos momentos que a minha orientação sexual incomoda

em muitos aspectos, principalmente quando a minha prática docente adentra em instituições tradicionais, sobretudo religiosas, além de que é necessário também falar sobre os corpos lésbicos, que sumariamente são atacados. Preciso ainda salientar a invisibilidade das mulheres lésbicas e isso é uma inquietude gritante, ao passo de que muitas de nós mulheres lésbicas seguimos caladas muitas das vezes com receio de sofremos alguma expressão de violência por expormos a nossa identidade. E dentro da docência, no chão da escola mesmo por diversas vezes optamos por silenciar nossa identidade como forma de proteção e sobretudo de nos mantemos trabalhando.

Assim, seguindo o pensamento da pesquisadora Paula Ribeiro, “[...] Uma professora que, entre tantas outras características, é lésbica, correrá o risco de ser vista, antes de tudo (ou somente) como, professora lésbica “– e, quem sabe por isso, menos professora [...]” (RIBEIRO, 2009, p. 204). Portanto, esse trabalho tem como objetivo central pesquisar sobre o cotidiano de professoras lésbicas em relação a sua prática docente, compreendendo como os espaços escolares e acadêmicos acabam por diversas vezes desvalorizando as mulheres lésbicas enquanto professoras, tanto dentro da educação pública como privada, além de que nossa pesquisa busca ainda identificar quais políticas públicas são voltadas para as mulheres lésbicas e que ajudam no ingresso desse público ao mercado de trabalho.

2. A NECESSIDADE DO FEMINISMO DENTRO DA ESCOLA: UM DEBATE SOBRE GÊNERO E EDUCAÇÃO.

O movimento feminista teve duas grandes ondas que podem ser consideradas divisores de águas, temos a primeira ocorrida entre os séculos XIX e XX, basificada na luta das mulheres pelo direito político. Nesta época as mulheres passavam por um período de submissão diário, que a partir disso era algo natural ser oprimido apenas por ser mulher, nesta época temos o então movimento das sufragistas. O sufrágio ou sufragismo, como ficou reconhecido, tomou voz em diversos países ocidentais, onde descreve Louro (1997) se expandiu com forças e resultados diferentes, a qual seria mais tarde tomado o formato da primeira onda do feminismo, saliento que aqui temos uma autora falando sobre o movimento feminista.

E o segundo momento ou grande onda foi quando se desencadeou as reivindicações em torno da liberação feminina, movimento iniciado na década de 60 e com popularidade em 70. Nessa época as pautas passaram a trazer o debate em volta das condições de vida e de trabalho de mulheres, tirando a ideiação de que a mulher deveria prestar apenas os serviços voltados para os seus lares. Deixando de serem empregadas de seus maridos, ou mesmo, possuindo direito a

ter sua própria renda, deixando de ser dependente de seus conjugues. Foi nessas ondas que o feminismo conseguiu por exemplo que as mulheres pudessem frequentar os espaços educacionais e assim se desenvolveram para o mercado de trabalho. Historicamente as mulheres tiveram seus atos e experiências apagados ou moldados pra um bem comum dos homens, tanto que não é visto nos livros de história com frequência atos heroicos das mulheres, e quando são citadas são sempre romantizadas para um par romântico masculino.

Sobre isso a autora Perrot(2007) apresenta que:

Para escrever a história, são necessárias fontes, documentos, vestígios. E isto é uma dificuldade quando se trata da história das mulheres. Sua presença é frequentemente apagada, seus vestígios, desfeito, seus arquivos destruídos. Há um déficit, uma falta de vestígios. Inicialmente, por ausência de registro. Na própria língua. A gramática contribui para isso. Quando há mistura de gêneros, usa-se o masculino plural: eles dissimula elas. No caso de greves mistas, por exemplo, ignora-se quase sempre o número de mulheres.

(Perrot, 2007, p.21)

O estudo sobre gêneros devem ser pautas presentes dentro da escola, como meio de diminuir a carga histórica posta sobre as mulheres, em que essas não poderiam nem mesmo frequentar esse espaço, e atualmente quando uma mulher engravida ela pouquíssimas vezes retorna para a escola nesse curto tempo, muitas desistam por não ter apoio da família e também da escola, onde deveria ser no local que essa mulher deveria ser melhor acompanhada, pois não é porque a mesma gerou uma vida que ela não poderá mais planejar o seu futuro e lutar por ele. Além de que é dentro da escola ainda resistem muitos discursos que separam mulheres e homens, como por exemplos os esportes que são divididos entre esportes para mulheres e os esportes para os homens.

Sobre isso Bento (2011) afirma que:

Os brinquedos, as cores das roupas e outros acessórios que comporão o enxoval são escolhidos levando-se em conta o que seria mais apropriado e natural para uma vagina e um pênis. No entanto, como é possível afirmar que todas as crianças que nascem com vagina gostam de rosa, de bonecas, de brinquedos que não exigem muita força, energia e inteligência? Aquilo que evocamos como um dado natural, o corpo-sexuado, é resultado das normas de gênero. Como afirmar que existe um referente natural, original, para se vivenciar o gênero, se ao nascermos já encontramos as estruturas funcionando e determinando o certo e o errado, o normal e o patológico? O original já nasce “contaminado” pela cultura. Antes de nascer, o corpo já está inscrito em um campo discursivo.

(BENTO,2011)

É possível observar que o gênero masculino é o mais desejado pelos homens, pois esses possuem o imaginário de que uma menina dará mais trabalhos, já que eles mesmos já conhecem

a realidade das mulheres, onde sofrem assédio desde muito cedo, o mercado de trabalho enxerga a mulher como figura que sempre exercerá trabalhos de cunho domésticos, as pretensões salariais sem menores. Portanto os próprios homens sabem da realidade, porém um filho homem seria o motivo de orgulho, é o futuro jogador de futebol, ou mesmo o famoso entre as mulheres. Muito antes da criança nascer o pai ou mãe já idealizaram todos os passos do filho, os esportes que ele irá praticar, o curso superior que ele vai seguir.

Sobre gênero Cisne(2015, p. 85-86), discorre :

Seu objetivo advém da necessidade de desnaturalizar e historicizar desigualdades entre homens e mulheres, analisadas, pois, como construções sociais, determinadas pelas relações e nas relações sociais [...] O conceito de gênero veio também no sentido de analisar de maneira relacional a subordinação da mulher ao homem, ou seja, os estudos sobre as mulheres não deveriam apenas limitar-se a categoria mulher, mas esta deve sempre ser analisada de forma relacional ao homem.

(CISNE,2015, p. 85-86)

Nesse movimento dos discursos sobre gênero e feminismo dentro da escola temos Paulo Freire, que naquela época já destacava que a educação deveria criar indivíduos capazes de refletir e lutar contra os diversos tipos de opressão que existem, a proposta de uma "educação libertadora", a qual sabemos que a escola infelizmente ainda não conseguiu abraçar. E ainda para o autor como já foi dito anteriormente é na escola que se deve assumir o papel na desconstrução das relações de opressão.

É necessário o estudo de gênero dentro dos espaços educacionais, pois sabemos que muitas vezes as famílias não conseguem compreender o que seria gênero, e ainda banalizam as lutas feministas. Afastando suas filhas do movimento, receosas por acreditarem que o movimento é para mulheres que nunca vão casar, ou mesmo são “vagabundas”, como se a mulher também não pudesse optar por esses estilos de vidas.

3. LESBOFOBIA: UM CONCEITO SILENCIADO

A homossexualidade feminina é fortemente silenciada em todos os espaços, passando por situações inclusive de marginalização dentro do movimento feminista como também no próprio movimento LGBTQIA+, fato que temos com a ordem da sigla alterada especificamente com o intuito de chamar atenção para a invisibilidade da narrativa e da agenda de lésbicas.

Nas escolas o preconceito a diversidade é iminente e atinge todas as orientações e identidades de gênero de maneira muito específica, percorrendo as particularidades únicas de cada grupo que compõe a diversidade LGBTQIA+. De tal forma, precisamos compreender a lesbofobia, um termo utilizado para se referir à homofobia designada às mulheres lésbicas,

como a homofobia entrelaçada à misoginia e ao sexismo, resultando em violências que vão das mais sutis como: agressões verbais, punições, vigilância e restrições, até violências brutais como agressões físicas, estupros ‘corretivos’ ou qualquer outro tipo de assédio (Raga, 2017).

A lesbofobia faz uma alusão às relações de submissão como inerentes à natureza feminina, também atribuindo às práticas sexuais lésbicas e bissexuais uma conotação de promiscuidade. Diante disto, a lesbofobia também se expressa pelo silenciamento da sexualidade das mulheres lésbicas, caso não esteja inserida em contextos eróticos e pornográficos direcionados ao prazer masculino (Borrillo, 2009; Diniz, 2019).

4.METODOLOGIA

Com a chegada da pandemia do Covid-19, a qual a mesma pendurou por todo nosso andamento do curso, sendo necessário determinar uma metodologia que nos permitisse fazer a pesquisa e também manter todos os protocolos de saúde. Assim, este estudo foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica, onde serão descritos alguns conceitos e definições sobre o tema, buscando enfatizar os fatores relacionados com a temática proposta. Para além dessa metodologia inicial, utilizamos de entrevista realizadas via *google* formulário, como também áudios recebidos via aplicativo *WhatsApp* que foram transcritos pelos autores da pesquisa. Como sujeitos desta pesquisa foram entrevistadas 4 (quatro) professoras lésbicas na faixa etária de 23 a 37 anos que exercem a docência dentro do Maciço de Baturité na rede estadual de educação, onde todas estão inseridas no ensino médio.

Segundo Cervo, Bervian e da Silva (2007), a pesquisa bibliográfica “constitui o procedimento básico para os estudos monográficos, pelos quais se busca o domínio do estado da arte sobre determinado tema”, a escolha por essa metodologia se dar pela dificuldade encontrada para que se pudesse fazer uma pesquisa de campo, assim adaptamos para dentro da nossa realidade, buscando também o alicerce em uma pesquisa de cunho autobiográfico, permitindo trazer as narrativas de vida para dentro da pesquisa científica.

5. A ESCOLA COMO ARMARIO: UM SILENCIAMENTO DOCENTE.

Para que possamos dialogar com as pautas trazidas por nossas participantes iremos nomeá-las por áreas de conhecimentos que estão sobretudo presente dentro do currículo do ensino médio, sendo elas Linguagens e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias; Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Cada grande

área corresponde a uma participante da pesquisa, no entanto as disciplinas não condizem com a área de atuação das mesmas, mantendo desta forma o sigilo das sujeitas pesquisadas.

A escola desenhada metaforicamente como um armário que silencia pode ser visto como algo complexo, no que tange a ideia de que a escola é um espaço democrático e capaz de transformar vidas. Esse “permanença em seu armário” é tão impactante que as professoras lésbicas entrevistadas nessa pesquisa chegaram até nós de forma silenciada, pois a instituição a quais lecionam não aceitaram as mesmas como participantes, ao passo de que muitas dessas escolas são dirigidas por homens e mulheres LGBTQIA+.

Sobre este fato marcado no parágrafo anterior podemos discutir sobre o quão preconceituoso são os espaços educativos, de tal forma as participantes declaram:

“A priori não desejei participar da pesquisa, pois meu diretor poderia ficar sabendo e talvez o mesmo não entenderia bem. Esse não entendimento poderia por exemplo não renovar meu contrato, preciso esclarecer que são docente temporária. Talvez se fosse uma efetiva a tratativa fosse bem diferente em relação a gestão.”

(MATEMÁTICA E SUAS TECNOLOGIAS-PROFESSORA LÉSBICA 1)

“Entendo a relevância de pesquisas com essas temáticas, mas muitas de nós meninas que são lésbicas que trabalham como professoras mantemos o que muitos vão chamar de “armário”, mas no meu caso assumo a minha orientação. Onde trabalho é um local de zona rural a mentalidade de muitos pais é pesado até mesmo de descrever, porem meu armário já tá sem portas faz tempo.”

(CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS-PROFESSORA LÉSBICA 2)

No entanto, precisamos lembrar que é nos espaços escolares que muitos educandos jogam para o “armário” a sua orientação como forma de conseguir interagir com os outros alunos e sujeitos que fazem parte do seu ciclo escolar. Temos nos espaços escolares as discriminações por gênero, etnia e orientação sexual que são espelhadas em todos os espaços de nossa sociedade brasileira. No caso das docentes pesquisadas somente uma declarou que o seu ciclo profissional e seus alunos sabem a orientação sexual da mesma, algo que vai divergir infelizmente com a realidade das outras três.

Diniz e Lionço(2009), salientam que escola também produz sujeitos e subjetividades:

[...] Reproduz padrões sociais, iníquos, perpetua concepções e valores hegemônicos, naturaliza relações autoritárias, reitera hierarquias opressivas, sanciona clivagens sociais e legitima a acumulação desigual de recursos e prestígio.

(LIONÇO; DINIZ, 2009, p.162)

Considerarmos também a escola como um ambiente excepcional de transformação social, onde a partir dela podemos estimular ações que gerem reflexões tanto individuais como coletivas, iniciando sobretudo pela não discriminação de seus professores, que tem como orientação sexual diferente ou neste caso, professoras lésbicas.

Nesse tocante, as participantes discorrem um pouco sobre suas práticas docentes como professoras lésbicas:

“Sou uma professora como qualquer outra da escola, a diferença que observo é que algumas pautas sempre são encaminhadas para mim. Sou lésbica assumida, e como sou da cidade onde leciono isso acabar por não ser segredo no meu local de trabalho. Procuro manter ética e seguir fazendo aquilo que gosto, que é lecionar. Conheço algumas amigas de profissão que chegam até mesmo a negar para seus coordenadores ou pais de alunos, no meu caso procuro manter minha ética profissional, pois o que tenho para fazer na escola é educar.”

(CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS – PROFESSORA LÉSBICA 2)

“Acredito que se todos soubessem sobre a minha sexualidade a minha relação com a gestão, os alunos e suas famílias seria abalada. É complicado conversar sobre isso, pelo fato de que sou reservada, como você percebeu na conversa que tivemos, mas a escola atualmente é um espaço delicado, as discussões acabam saindo rua fora”.

(LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS- PROFESSORA LÉSBICA 3)

“Convivo com sujeitos diferentes e isso já me coloca em uma realidade diferente da minha enquanto lésbica, o meu círculo de amigos é LGBT, mas o meu trabalho é composto por pessoas heteros. O que quero dizer é que a minha prática docente não tem nada a ver com a minha pessoal, sigo sendo uma boa professora e colaborando com a minha escola, tal qual os outros docentes. (CIÊNCIAS DA NATUREZA E SUAS TECNOLOGIAS- PROFESSORA LÉSBICA 4)

É possível perceber tanto na Professora Lésbica 3 e Professora Lésbica 4 um discurso normativo, onde segundo elas a vida pessoal não deve ser posta em relação a sua prática profissional. Demonstrando fortemente a necessidade do silêncio como forma de continuar exercendo suas profissões, essas narrativas trazem consigo o medo da sociedade em relação aos seus corpos e aos seus desejos. A escola deveria ser um ambiente acolhedor, mas como observado nos diálogos é totalmente diferente disso.

Nas entrevistas observamos que ainda existe uma confusão entre a utilização dos termos orientação sexual, homossexualidade e sexualidade entre as professoras lésbicas, das quatro pesquisadas somente uma sobre diferenciar e dialogar sobre os mesmos. O que causa em nós pesquisadores um estranhamento sobre os motivos de levarem a essas mulheres que possuem conhecimento não dialogarem sobre essas questões, como também a respeito do feminino e a

temática lésbica. Percebemos que existem um currículo que parece negligenciado desde a formação superior até chegar a sala de aula.

Analisando as participantes notamos o incomodo quando era utilizado as mesmas como sendo “professoras lésbicas”, ou seja, quando as tratávamos como professoras lésbicas as mesmas salientavam que seriam somente professora, é interessante esse debate sobre ser uma professora ou ser uma professora lésbica. Como se o termo lésbica causasse desconforto.

Sobre as políticas públicas relacionadas as mulheres lésbicas e o mercado de trabalho nenhuma das participantes das pesquisa soube nomear, o que corresponde diretamente a nossa realidade, ao passo de que são mínimas as políticas públicas relacionadas a esse grupo. Muitos dos editais por exemplo de cotas correspondem somente as pessoas trans, travestis, compreendemos que essas minorias são as que mais sofrem com o preconceito, porém é preciso também discorrer sobre as mulheres lésbicas que muitas das vezes desistam de seus estudos por situações discriminatórias desde o círculo a família até a escola.

Assim, conceber em tempos atuais a construção de um currículo que não leve em conta a alteridade como ponto essencial do reconhecimento à diversidade e não, pensar também no estudo sobre a sexualidade inserido nos conteúdo das várias disciplinas da Educação Básica nos parece improvável, uma vez que: Essa presença da sexualidade [na escola] independe da intenção manifesta ou dos discursos explícitos, da existência ou não de uma disciplina de “educação sexual”, da inclusão ou não desses assuntos nos regimentos escolares. A sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se “despir” (LOURO, 1997, p. 81).

Se a sociedade é constituída por uma diversidade de culturas, crenças, etnias, estilos de vida entre outras variadas características, a escola, por ser a representação desta sociedade, tende a reproduzir todas as relações sociais, inclusive as práticas de discriminação (mais especificamente a homofobia) em suas salas de aulas, pátios, corredores, banheiros, enfim, em todos os espaços por onde circulam estudantes, funcionários em geral e professores (FACCO, 2009).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises realizadas tornou-se evidente que as professoras lésbicas pesquisadas ainda possuem receio de assumirem suas orientação dentro do seu espaço de trabalho, demonstrando um processo de silenciamento. Destacamos que essa realidade corresponde com as professoras lésbicas pesquisadas neste artigo, o que pode ser diferentes de outras que não fizeram parte da mesma.

É possível perceber através das narrativas dessas professoras, que as mesmas seguem sendo vítimas de uma sociedade que tenta impor silêncio em corpos ou desejos diferentes do que ditam como “comum”, demonstrando que dentro de suas escolas o debate sobre gênero ou neste caso a orientação sexual das docentes é algo que pode gerar sobretudo perseguição ou mesmo uma demissão de cunho estritamente homofóbica, além de como trazido por essas professoras existe uma tensão gerada pela constante vigilância e necessidade de afirmação profissional cotidiana, o que corrobora para uma prática docente velada e assistida.

De tal forma, concluimos que é preciso que os temas que tratem da sexualidade feminina, e sobretudo da lesbofobia sejam presentes no ambiente escolar, mesmo existindo uma ampliada carência de disciplinas que dialoguem gênero e sobre sexualidades, como também abordado por nossas participantes que não existem formação iniciais para docente ou formação continuada sobre essas temáticas. Portanto, se fazendo urgente a inclusão dessas temáticas nas grades curriculares das universidades nos cursos de formação de professores, e por mais especializações que conversem sobre essas temas tão necessários para a sociedade, sobretudo para área educacional.

O objetivo desta pesquisa é gritar para os pesquisadores da área dos direitos humanos, gênero, educação e demais áreas, que é preciso pesquisar sobre as mulheres lésbicas nos espaços escolares e acadêmicos, pois nós somos ainda minorias sexuais. É preciso gerar conhecimento, quebrando esse silêncio nítido nas narrativas dessas 4(quatro) docentes.

Que esse breve artigo seja um grito ecoado para outras pesquisas sobre professoras lésbicas, e que nenhuma de nós tenha medo de afirmar o que é. Seja para pais, colegas de trabalho ou gestão escolar. Temos os mesmos títulos que os outros docentes, de tal forma, a nossa prática como professora não deve ser jamais subjugado por conta de nossa orientação. Enquanto professora e pesquisadora lésbica grito através desse artigo para todas essas minhas amigas que mantem suas gargantas fechadas para a discriminação e ódio daqueles que precisam da nossa mão de obra docente e decente.

REFERÊNCIAS

BENTO, Berenice. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 19(2): 548-559, maio-agosto/2011.

BOCCATO, V. R. C. **Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação**. Revista Odontol. Univ. Cidade São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.

BORRILLO, D. (2009). **A homofobia**. In: T. Lionço & D. Diniz (Org s.). **Homofobia & educação o: um desafio ao silêncio**. (C ap 2, pp. 15 - 46). Letras Livres.

CISNE, Mirla. **Gênero, divisão sexual do trabalho e Serviço Social**. 2ª ed. São Paulo: Outras expressões, 2015.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LIONÇO, T.; DINIZ, D. (Org.). **Homofobia e educação: um desafio ao silêncio**. Brasília: Letras Livres: Ed. da Uniban, 2009.

LOURO, Claucira L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

_____. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. 3 ed.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 8. ed. Petrópolis. Vozes, 2007.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto. 2007.

RIBEIRO, Paula Regina Costa et al. **Ambientalização de professores e professoras no espaço escolar**. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: MEC/SECAD, 2009.